

A Idade Média na história das mentalidades: um estudo introdutório para a sua compreensão.

M. C. C. CABÓS¹; L. C. S. EGUCHI¹; W. G. FRADE¹; L. F. M. RAMOS²

¹ Graduandas, Curso de Filosofia, Área da Educação, Centro Universitário Ítalo Brasileiro – UniÍtalo, São Paulo - SP, Brasil.

² Doutorando em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), docente do curso de Filosofia, Área da Educação, Centro Universitário Ítalo Brasileiro – UniÍtalo, São Paulo - SP, Brasil.

E-mails: maria_caetana@hotmail.com; leguchi@bol.com.br; wanda_gomes@hotmail.com; luzfelippe@uniitalo.edu.br

COMO CITAR O ARTIGO:

CABÓS, M. C. C. **A Idade Média na história das mentalidades:** um estudo introdutório para a sua compreensão. **UniÍtalo em Pesquisa**, URL: www.italo.com.br/portal/cepesq/revista_eletronica.html. São Paulo SP, v.6, n.2, p. 170-187, abr/2016.

RESUMO

É observável a curiosidade crescente a respeito de temas que constituem o objeto e o estudo que sejam pertinentes à Idade Média no meio acadêmico e fora dele. Cinema, pintura, teatro, literatura e outras áreas da epistemologia sempre resgatam questões e assuntos com vínculos gerados ou mantidos por um período da História do Pensamento que durou cerca de dez séculos. O presente artigo tem como escopo em caráter preliminar a apresentação de alguns conceitos que fazem parte do repertório constitutivo das pesquisas na área da História Social. Apresenta em caráter introdutório e discute o termo “mentalidades” como um conjunto de referências epistemológicas constitutivas de um campo pluridisciplinar em proveitoso diálogo com a História, tais como Antropologia, Geografia, Economia, Psicologia e outras áreas em que o elemento humano é um fator preponderante. Conclui que o período intitulado “a longa noite dos mil anos” ou mesmo “Idade das Trevas” carece de uma nova compreensão desta longa fatia da História a partir do conhecimento do seu dinamismo social.

Palavras-chave: idade média. mentalidade. imaginário. história social. feudalismo.

ABSTRACT

The growing curiosity is observable regarding issues that are the subject and the study that are relevant to the Middle Ages in academia and beyond. Cinema, painting, theater, literature and other areas of epistemology always rescue cases and situations with links generated or maintained by a Thought History period which lasted about ten centuries. This article is scope for preliminary presentation of some concepts that are part of the constitutive repertoire of research in Social History. It presents and discusses the term mentality as a set of epistemological references constitute a multidisciplinary field in fruitful dialogue with history, such as anthropology, geography, economics, psychology and other areas where the human element is an important factor. It concludes that the period called "the long night of the thousand years" or even "Dark Ages" needs a new understanding of this long slice of history from the knowledge from its social dynamism.

Keywords: average age. mentality. imaginary. social history. feudalism.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Adequações do termo “idade média”.

É particularmente interessante a interpretação que o senso comum estabelece a partir da expressão “Idade Média”. Geralmente constrói-se um discurso constituído pela imagem de um castelo ou mosteiro em que perfilam donzelas indefesas protegidas por cavaleiros intrépidos em busca de um cálice sagrado e são auxiliados por monges muito piedosos e sábios o suficiente para lhes oferecer guarida e conselhos na forma de enigmas ou expressões de duplo sentido, preferencialmente em grego ou latim que eram as línguas caras daquele período.

Gerações de leitores que se deliciaram com o clássico “O nome da Rosa”²⁶ de Umberto Eco, puderam depois conferir em vídeo a trama medieval que envolvia monges misteriosamente assassinados, uma jovem camponesa, o pueril pupilo Adso, William de Baskerville, o mestre aristotélico experiente e uma trama ágil e com vários ingredientes diabólicos evocando o suspense.

Em História, toda e qualquer tentativa de delimitação de assunto, abordagem, tema ou fatos é tentativa perigosa porque a natureza dos acontecimentos não obedece a uma lógica cultural ou metodológica. O estudo histórico é por excelência uma análise de homens e mulheres circunscritos em um conjunto de circunstâncias, valores e acontecimentos que ultrapassam qualquer periodização e se inserem no universo antropológico. Daí uma instabilidade própria e adequada ao tratarmos a respeito do fenômeno humano em suas peculiaridades, expectativas e anseios.

26 No Brasil, a obra foi traduzida por Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. 2ª. Edição. São Paulo: Record, 2009.

Figura 1 – Monges copistas em trabalho de tradução dos textos gregos para o latim.

Fonte: (SPECTRUMGOTHIC, 2015)

Um dos pilares da Escola dos Annales²⁷, Fernand Braudel²⁸ (2009, p.44) assim esclarece:

todo trabalho histórico decompõe o tempo decorrido, escolhe entre suas realidades cronológicas, segundo preferências e opções exclusivas mais ou menos conscientes. A história tradicional atenta ao tempo breve, ao indivíduo, ao evento, habituou-nos há muito tempo à sua narrativa precipitada, dramática, de fôlego curto. A nova história econômica e social põe no primeiro plano de sua pesquisa a oscilação cíclica e assenta sobre sua duração: prendeu-se à miragem, também à realidade das subidas e descidas cíclicas dos preços. Hoje, há assim, ao lado do relato (ou do “recitativo” tradicional), um recitativo da conjuntura que põe em questão o passado por largas fatias: dez, vinte ou cinquenta anos. Bem além desse segundo recitativo, situa-se uma história de respiração mais contida ainda, e, desta vez, de amplitude secular: a história de

27 De acordo com o endereço <http://historyfoco.blogspot.com.br/p/escola-dos-annales1-2-3-geracao.html>, “a Escola de Annales foi um movimento de renovação da historiografia que nasceu na França do final da década de 1920, com a fundação, por Marc Bloch e Lucien Febvre, da revista Anais de História Econômica e Social. Se opondo diretamente à produção historiográfica predominante no século XIX, a revista tornou-se um movimento de vanguarda na renovação do método de investigação histórica, divulgando, entre outras coisas, a concepção de uma história total que fosse desenvolvida a partir de uma problemática (história problema) e que utilizasse interdisciplinaridade como estratégia importante para se chegar ao conhecimento histórico.

A reflexão sobre o caráter das fontes históricas também é outra contribuição da escola, a partir dela o conceito de documento histórico será relativizado, no que tange a idéia de verdade e neutralidade, e enriquecido a partir da incorporação de novas formas de fontes históricas, além da escrita”. Acesso em 23/6/2015

28 1902-1985.

longa, e mesmo, de longuíssima duração. A fórmula, boa ou má, tornou-se-me familiar para designar o inverso do que François Simiand, um dos primeiros após Paul Lacombe, terá batizado história ocorrencial (événementielle). Pouco importam essas fórmulas; em todo caso, é de uma à outra, de um pólo ao outro do tempo, do instantâneo à longa duração que se situará nossa discussão.

O termo Idade Média é entendido como um período de dez séculos que se adotou como referência ter a sua gênese com a Queda do Império Romano aproximadamente em 476 da era cristã e se estendeu até a Tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos em 1453 que fecharam o centro comercial cosmopolita da Europa, impedindo o fluxo de transações comerciais dos países europeus. Embora Le Goff²⁹ (2013, p.10) estabeleça uma extensão cronológica porque circunstanciada em uma maneira diferente de se pensar a realidade.

Todavia, para mim, os traços essenciais da Idade Média estendem-se até o século XVIII, período em que ocorrem os dois acontecimentos fundamentais que criam verdadeiramente a modernidade: o nascimento da indústria primeiramente na Inglaterra e em seguida no continente, e a revolução na França, que se difundirá mais ou menos em todo o continente no século XIX. Pode-se dizer que essa longuíssima Idade Média foi atravessada por vários renascimentos, avançou graças a eles, e de modo progressivo. Habitualmente o destaque é dado para o renascimento carolíngio e o renascimento do século XII; quanto a mim, penso que o

29 Jacques Le Goff, (1924-1984), pode ser considerado um dos maiores historiadores especializados em Idade Média, de acordo com o site cafehistoria.ning.com/group/biografiatrajetriaseprosopografia: O historiador francês Jacques Le Goff nasceu em Toulon, no dia primeiro de janeiro de 1924. Especialista em Idade Média, realizou importantes estudos a respeito da Antropologia histórica do Ocidente medieval. Ligado ao movimento da Escola dos Anales, sucedeu Fernand Braudel no comando da École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris e cedeu seu lugar a François Furet em 1967. Le Goff renovou a pesquisa histórica sobre mentalidade e Antropologia da Idade Média, principalmente nos anos 80 do século XX, quando trabalhou em uma biografia da São Luís publicada em 1996. Assomado em 23.6.2015.

período dos séculos XV e XVI é apenas o terceiro e, sem dúvida, o mais importante renascimento da Idade Média.

Retomando nossos dados, aproximadamente 996 anos constituíram este período, embora em História não nos prendemos a datas ou acontecimentos exatos, uma vez que as mudanças ocorrem não a partir de fato ocorridos, mas sim por meio de mudanças de mentalidades, valores e por consequência atitudes de um grupo, geração ou civilização.

De maneira semelhante argumenta MACDONALD (1995, p. 6):

Por que *Idade Média*? Os historiadores usam essa expressão para descrever o período de mil anos entre a queda do Império Romano, no século V, e as mudanças rápidas do século XVI. Os primeiros séculos da Idade Média foram um tempo conturbado. Invasores do norte da Europa dominaram grande parte das regiões antes governadas por Roma. Porém, em meados do ano 1200, quando este livro começa, a vida para a maioria dos habitantes da Europa estava mais ordenada, embora não muito mais pacífica. Havia guerras, cruzadas e revoltas do povo. Havia a praga e a fome e um grande contraste entre os padrões de vida dos ricos e dos pobres.

Entretanto para os camponeses que viviam no campo e cultivavam seu alimento, a vida era pacífica a maior parte do tempo. O comércio se desenvolveu e as cidades cresceram e prosperavam. Novas indústrias foram criadas e mercadorias de luxo chegavam à Europa dos lugares mais distantes do mundo. Artesãos especializados construíram castelos magníficos e catedrais.

FIG 2 – A estrutura da sociedade contemporânea tem como base a sociedade medieval

Fonte: (DIREITO NA IDADE MÉDIA, 2015)

A uma periodização tão ampla e constituída por uma periodicidade tão longa, é permitido empregarmos a expressão “idade média” como se o seu propósito fosse tão apenas intermediar a época das grandes civilizações da Antiguidade de um lado e o advento dos estados nacionais do século XV?

Entendemos que não apenas o seu emprego é inadequado como também perigoso por não considerar uma fatia histórica considerável da história das civilizações que em primeira instância trata da história das sociedades e, por fim fala sobre o homem em seu modo próprio de interpretar o mundo, entender seus interlocutores e compreender a si mesmo.

São estas três dimensões que permitem que entendamos o homem como um projeto irrepetível na história e na sociedade de todos os tempos.

2 A ESTRUTURA SOCIAL

A sociedade medieval encontrava-se configurada sobre três classes bem definidas e estabilizadas: os camponeses, os guerreiros e o clero.

Os camponeses eram constituídos em sua totalidade pela imensa parte da comunidade local. Trabalhavam na terra, no mesmo local em que vivam de maneira miserável e limitada, sem acesso à educação formal e a outras formas de informação.

Cumprir esclarecer que nos povoados em centros mais desenvolvidos, podíamos encontrar comerciantes, advogados e outros membros que se dedicavam aos negócios locais.

Não obstante, a grande maioria pobre de camponeses vendia a sua produção aos comerciantes que quase sempre exploravam a mão de obra de homens e mulheres. Estas se dedicavam à fiação da lã para a confecção dos tecidos realizados por tecelões profissionais. Aqueles eram a força de trabalho mais pesada, seja no campo como também na costa marítima.

Para se compreender o dinamismo e a configuração da estrutura social na idade média, é importante considerarmos a compreensão de um conceito chave deste artigo. Fazemos referência ao termo de origem germânica conhecido como “feudo”.

Figura 3 - Propriedade feudal Miniatura correspondente ao mês de março, parte do livro “As riquíssimas horas do duque de Berry”, de 1411-1416. Mostra a propriedade feudal, com o servo trabalhando as terras e o castelo do senhor ao fundo. (Museu de Chantilly, França.).

Fonte: (O SISTEMA FEUDAL, 2015)

O feudo constituía-se em uma unidade de produção sobre a qual se desenvolviam as relações sociais. O suserano concedia ao vassalo³⁰ uma extensão territorial e entre ambos era estabelecida uma aliança de obediência indissolúvel. Vale ressaltar que o suserano possuía direitos absolutos apenas sobre as suas extensões territoriais, não podendo interferir na administração de outros territórios que eram propriedades de outros suseranos.

De acordo com o site de pesquisas Só História³¹ (2015):

a organização dos feudos baseou-se em duas tradições: uma de origem germânica, o *comitatus*, e a outra de origem romana, o *colonato*. Pelo *comitatus*, os senhores da terra, unidos pelos laços de vassalagem, comprometiam-se a ser fiéis e a honrar uns aos outros. No *colonato*, o proprietário de terras dava proteção e trabalho aos colonos que, em troca, entregavam ao senhor parte de sua produção.

Não é possível avaliar o tamanho dos feudos, mas estima-se que os menores tinham pelo menos 120 ou 150 hectares. Cada feudo compreendia uma ou mais aldeias, as terras cultivadas pelos camponeses, as florestas e as pastagens comuns, a terra pertencente à igreja paroquial e a casa senhorial, que ficava na melhor terra cultivável.

Pastos, prados e bosques eram usados em comum. A terra arável era dividida em duas partes. Uma em geral a terça parte do todo, pertencia ao senhor; a outra ficava em poder dos camponeses.

Nos feudos plantavam-se principalmente cereais (cevada, trigo, centeio e aveia). Cultivavam-se também favas, ervilhas e uvas.

Os instrumentos mais comuns usados no cultivo eram a charrua ou o arado, a enxada, a pá, a foice, a grade e o podão. Nos campos criavam-se carneiros que forneciam a lã; bovinos, que forneciam leite e eram utilizados para puxar carroças e

30 Indivíduo que, no feudalismo, era responsável e tinha o domínio do feudo principal de que dependiam outros feudos e vassalos; senhor feudal. Procede etimologicamente do francês *suzerain*. Vassalo é o súdito; aquele que estava submisso às ordens ou tributos do soberano, senhor feudal, no feudalismo. Sua raiz etimológica é latina, grafado *vassalus*. Fonte: Dicionária de Português on line. Disponível em dicio.com.br Acesso em 1.7.2015.

31 Vide <http://www.sohistoria.com.br/ef2/medieval/p1.php> Acesso em: 23/6/2015

arados; e cavalos, que eram utilizados na guerra e transporte.

Mas como surge o feudo? De acordo com PEDRO (1985, p. 279), existem várias hipóteses a respeito do assunto:

existe hoje, entre os especialistas, uma grande discussão sobre as origens do feudalismo. A questão que mais se coloca é se as heranças da velha sociedade romana contribuíram mais que as instituições bárbaras, ou vice e versa, para a constituição do feudalismo. É uma longa questão, que provavelmente ficará sem uma resposta precisa. O feudalismo foi na verdade resultado de uma síntese entre a sociedade romana em decadência e a sociedade bárbara-germânica em transformação.

Desta dinâmica constituída por elementos econômicos, geográficos, políticos, religiosos, culturais dentre outros, é que nasce uma forma de se pesquisar a História e que se constituiu em uma metodologia³² investigativa conhecida como história da mentalidade no caso, a medieval.

3 A MENTALIDADE

Mas o que este termo significa e o que ele abrange dentro do universo histórico? Dentre vários estudiosos, cumpre fazermos referência ao famoso medievalista francês Jacques Le Goff (1924-2014),

32 Na verdade, o termo metodologicamente correto é entendermos a história das mentalidades como uma modalidade historiográfica.

autor de diversas obras³³ a respeito da temática medieval e que é comentado a seguir.

Figura 4 – Jacques Le Goff, considerado uma referência de solidez teórica no estudo da mentalidade da Idade Média.

Fonte: (HISTÓRIA E IMAGEM, 2015)

O pesquisador SILVA (2015, p. 2) assim argumenta:

De acordo com Jacques Le Goff, temos novas maneiras de ler a História, principalmente a social. Tudo havia sido transformado, e novamente a maneira de perceber a História se modificava metodologicamente. Saber como se deu o *tudo* acabava sendo mais um novidadeiro e estrondoso desafio, com novos pensadores do tempo historiográfico o mundo e para o mundo, com foco na História das Mentalidades. Para ele, mentalidade vai além da história. É, inicialmente, ir ao encontro de outras ciências humanas.

Segundo Le Goff, Marc Bloch reconhece no estudo das mentalidades da Idade Média uma ampla gama de crenças e de práticas – algumas legadas por magias milenares, outras nascidas em épocas relativamente recentes no seio da civilização animada de grande fecundidade mítica.

(...)

Qual a origem da história das mentalidades? Mental que se refere ao espírito e tem origem no vocabulário da escolástica clássica medieval. O aparecimento de mental (no

33 Dentre a vasta produção bibliográfica do autor, recomendamos cronologicamente A Civilização do Ocidente Medieval (1964), Para um novo conceito da Idade Média (1977), O imaginário medieval (1985), O homem medieval (dir, 1994), Dicionário temático do ocidente medieval (2001).

século XV) e mentalidade (no século XIX) indica que o substantivo corresponde a outras necessidades, decorre de uma conjuntura que não o adjetivo. Mentalidade, filha da filosofia inglesa do século XVII, designa a coloração coletiva do psiquismo, a maneira particular de pensar e de sentir 'de um povo, de certo grupo de pessoas etc'. Confinado em inglês, a língua técnica da filosofia, em francês torna-se logo de uso corrente, surgido no século XVIII no domínio científico do campo de uma nova concepção da história. Inspira Voltaire (*Essai sur les mœurs et l'esprit des nations*(1754), como está no dicionário Robert, 1842).

Pelo que lemos a mentalidade não abrange apenas um estilo de vida, pelo contrário, a mentalidade traduz um modo de se pensar o mundo, estar como membro ativo dele e manifestar os hábitos e costumes de uma sociedade, de uma época, tal como é a moralidade de um povo ou de uma civilização.

Ao estudar a mentalidade da Idade Média devemos mergulhar no universo das complexas relações humanas, sociais e institucionais que evoluíram durante os dez séculos de sua existência para assim podermos compreender o *modus vivendi* do homem contemporâneo fruto de uma modernidade que tem o seu início a partir do Renascimento considerado o marco cisão entre um período e outro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste artigo foi o de propiciar à comunidade acadêmica uma discussão pertinente à melhor compreensão do que foi o longo período medieval injustamente identificado como a “longa noite dos mil anos” ou mais absurdamente “o período das trevas”.

A Idade Média foi a transição entre a Antiguidade e a Modernidade. Sem ela, muitas obras de outras línguas e culturas jamais chegariam ao nosso conhecimento. A helenização³⁴ ocorrida a partir das conquistas de Alexandre Magno rei da Macedônia, discípulo de Aristóteles e posteriormente o expansionismo do Império Romano tornaram-se as condições favoráveis para que os mosteiros pudessem compilar o patrimônio que hoje constitui a base do pensamento ocidental.

O tema requer aprofundamento por parte dos interessados, uma vez que a responsabilidade pelo conhecimento não é apenas uma tarefa da universidade, mas também de todos aqueles que produzem o conhecimento.

Deixamos para reflexão dos nossos leitores, uma máxima medieval alquímica destinada à busca da transmutação e que vale para a agitada sociedade contemporânea. Segue a versão em latim com a tradução:

“Ora, lege, lege, lege, relege, labora et invenies”

Reza, lê, lê, lê, relê, trabalha e encontrarás

Aprendamos não para uma vida teórica, mas para a vida.

34 Ação de dar característica gregas às nações vencidas pelos gregos ou por eles subjugadas. Fonte: www.dicio.com.br Acesso em 1/7/2015

REFERÊNCIAS

BRAUDEL, F. **Escritos sobre a história**. Tradução de J. Guinburg e Tereza Cristina Silveira da Mota. São Paulo: Perspectiva, 2009. Coleção Debates, 131.

DA CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2. edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em <<http://www.dicio.com.br>> Acesso em 20 jun 2015.

DIREITO NA IDADE MÉDIA. Disponível em <<http://www.vidabeta.com.br>> Acesso em 1 jul 2015.

HISTÓRIA E IMAGEM. Disponível em <<http://www.historiaeimagem.com.br/jacques-le-goff>> Acesso em 1 jul 2015.

HUIZINGA, J. **O outono da Idade Média**. Tradução de Francis Petra Janssen. São Paulo: CosacNaify, s/d.

IMAGENS. Disponível em <<http://www.spectrumimages.com.br/images>> Acesso em 25 jun 2015.

LE GOFF, J. **Homens e mulheres da Idade Média**. Tradução de Nícia Adan Bonatti. 1. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2013.

MACDONALD, F. **O cotidiano europeu na Idade Média**. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. São Paulo: Cia. Melhoramentos, 1995. Coleção Povos do Passado.

PEDRO, A. **História Geral. Antiga e Medieval**. v. 2. São Paulo: Editora Moderna, 1985.

ROPS, D. **A mentalidade medieval**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012.

_____. **História da Igreja de Cristo**. 10 volumes. São Paulo: Quadrante. 2010.

SILVA, E. M. da. **História das Mentalidades**. Disponível em <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca>>. Acesso em 30 jun 2015.

SISTEMA FEUDAL. Disponível em <<http://www.ofeudo.tripod.com>> Acesso em 28 jun 2015.